

## **No máximo um ano de vida...: fatalidade de um desaparecimento em família no Benim, África.**

Hippolyte Brice Sogbossi (DCS, UFS, Brasil).

Resumo: No Benim, o meu irmão foi diagnosticado com um câncer no rim direito em estágio avançado, o que implicaria numa intervenção cirúrgica urgente a fim de reduzir as chances de morrer. Florentin era Diretor de Lazer do Ministério da Juventude, Lazer e Esportes e, em alguma fase da doença, recebeu apoio e ajuda integral do governo central. Como em muitas sociedades africanas, a morte não é um fato natural, e é provocada por algum parente (muitas vezes a esposa ou o irmão). A partir do descobrimento da doença inicia-se um processo de especulação sobre quem seria o provável suspeito de ter provocado tal desgraça. Acompanho de perto e de longe todo o processo de deslocamento do paciente desde o Benim passando pelo Rio de Janeiro, onde ele foi submetido a uma cirurgia para retirada de um câncer no rim, e onde foi dado um ano de sobrevida para o paciente, devido à metástase do tumor; até a Tunísia, onde após um ano de tratamento intensivo, não houve mais chances de sobreviver, o que culminou em falecimento no país de origem do paciente. O prazo dado traduz-se, ao mesmo tempo, por uma sentença dada pelos médicos brasileiros sobre a irreversibilidade de mal, mas também de maneira oculta, pelos supostos causadores do mal. A presente proposta consiste em descrever e analisar esse acontecimento doloroso e lento que durou quinze meses. A metodologia consistiu em conversar com vários atores, sobretudo por telefone sobre os distintos momentos dessa tragédia, inclusive a vítima, envolvendo familiares supostamente culpados; e em compilar correspondências por e-mail. A literatura sobre a morte e a bruxaria em contexto africano foi explorada com a finalidade de revisar algumas posturas já consagradas na antropologia. Evans-Pritchard, Ziégler, Louis-Vincent Thomas e Adoukonou, são alguns deles.

**Palavras-chave:** morte, mistério, Benim.

O objetivo maior do presente trabalho é apresentar e analisar fatos ocorridos na vida real de um membro da minha família: o meu irmão mais velho. É muito importante frisar que os ditos fatos se apresentam a partir de duas lógicas diferentes: a de um relato sob o prisma da patologia moderna de uma doença que leva à morte, e sob o prisma da patologia tradicional de uma sociedade africana, com valores próprios. Esses dois modos, modelos ou paradigmas de ver a morte, suas origens e consequências contrastam-se veementemente, pois se inscrevem dentro de lógicas diametralmente opostas. Usarei conceitos-chaves como conflito e intervenção. O conflito, além de se definir como uma rede de afiliações grupais, nos termos do Simmel, é oposição e conciliação de interesse nas partes envolvidas; mas também sociação. Aqui, tomamos o sentido de conflito como a manifestação de tensões que serão superadas progressivamente, algo próprio à sociedade que estamos estudando. No caso da intervenção, traduz-se pela livre vontade de uns elegidos que se valem do poder que eles têm de fazer justiça, como acontecerá no caso de um participante do drama que, tendo visto todo um processo de desequilíbrio de interesses, imporá a sua marca. É o caso do famoso amuleto colocado a mão de uma defunta, fato a ser narrado no final do presente trabalho.

Tudo começou no dia 10 de julho de 2011, após as longas cerimônias de despedida da nossa querida mãe em Abomey, cidade histórica da atual República do Benim, país da África do Oeste. Nesta cidade, na casa da finada, alguns parentes, entre eles eu, formulamos uma série de especulações sobre o emagrecimento progressivo do meu irmão Florentin Samuel Sogbossi, casado em segundas núpcias e pai de 4 filhos, no total. Especulações de todos os tipos são feitas: se o irmão sabia muito bem o que acontecia com ele e ficou passivo, reservado, sem informar a família extensa sobre uma possível doença degenerativa descoberta; se a esposa teria fabricado alguma “simpatia” para ele ficar cegamente apaixonado; se ele estava com muitas preocupações, resultado de comportamentos inadequados no passado recente; se algum parente falecido estaria se rebelando contra ele; se no trabalho, algum funcionário invejoso teria feito feitiço para ele, isto é, para tomar o cargo dele, etc. Bom: bastaram 2 meses para saber o que estava acontecendo: uma maratona de exames revelou que Florentin estava com câncer no rim direito. O médico urologista Doutor César Akpo, o mais conhecido no país, sugeriu uma cirurgia urgente no exterior a fim de evitar a propagação da doença, uma provável metástase, o que seria fatal para o doente. O mesmo paciente revelou: “Na

segunda-feira, dia 26 de setembro de 2011, enquanto eu urinava por volta das 15 horas, fiquei surpreso pela coloração avermelhada da minha urina, já que antes eu nunca tinha percebido nenhum sinal...”

### **PRIMEIRA FASE DA LUTA: DOS RESULTADOS ATÉ O RIO DE JANEIRO.**

Após tentar alguns contatos na França, com pessoas conhecidas do doente e do meu irmão mais novo, Serge Maurice Sogbossi, já no dia 19 de outubro de 2011 me alertava nas seguintes palavras:

“Bom dia, irmão mais velho Hippo:

Eu creio que o irmão mais velho Tintin (apelido de Florentino) te falou do seu problema. Efetivamente, ele constatou que urinava sangue e nós começamos a investigar a causa. Consultamos o Professor César AKPO quem pediu alguns exames.

Foi a partir do scanner que constatamos que ele sofria de câncer no rim direito. O professor estimou que era muito urgente que se operasse para uma ablação do rim direito. É muito urgente, sob a pena de contaminar o rim esquerdo. É bastante grave e no momento, estou administrando a situação com ele. A evacuação sanitária desejada pelo professor será muito longa e nos arriscamos a perder a batalha. Eu sugeri, então, que nos ocupássemos, nós mesmos, do caso, esperando a aprovação do processo de evacuação sanitária. Por isso sugeri a ele que te perguntasse se era possível que ele se fizesse operar no Brasil. O caráter urgente do caso recomenda que nós não percamos o tempo, e que a cirurgia possa ser feita antes do fim deste mês de outubro. Favor de averiguar o mais rápido possível [lá no Brasil] e também enviar a carta convite para que nós possamos começar ao trâmites para o visto.

Aqui estão os resultados tais como apresentados pelo laboratório:

### **RESULTADO**

O exame objetiva uma massa renal direito que mede 94 mm x 52 mm não calcificado que toma o contraste de maneira heterogênea após injeção de produto de contraste. Essa massa deforma o contorno do rim, e se nota uma invasão da veia renal e da veia cava inferior.

O fígado é de densidade homogênea assim como o pâncreas e o baço.

O rim esquerdo tem também uma morfologia normal e secreta no momento fisiológico.  
Os ureteres não são dilatados.  
Não há adenopatia peritoneal, nem ascite  
A supra-renal direita não está à vista.  
A supra-renal esquerda é normal.

#### NO TOTAL

Massa tumoral heterogêneo do rim direito com invasão da veia renal e do rim provocando um adenocarcinoma (câncer) renal.

Te agradeço pela diligência. Aguardo tua resposta.”

Assim começa uma fase importante da luta de três irmãos velhos contra um câncer incomum: o do rim. Diante de uma situação tão delicada, não resta mais do que fazer contatos no Brasil. Eis o texto do e-mail que enviei, em seguida, a um médico de São Paulo sobre o diagnóstico, e a resposta ao mesmo:

“Re: Santé M. SOGBOSSI Florentin, collègue à M. ZINSSOU François

Hippolyte Brice Sogbossi

Qui 20/10/2011, 13:33

Caro Doutor Sérgio Ximenes:

Obrigado pelo pronto atendimento. Favor de conferir as imagens para estudo. O rim esquerdo é o que está bom, segundo o diagnóstico. O direito está aumentado e infectado. Favor de conferir também, em e-mail abaixo, os remédios que o Florentin Sogbossi, meu irmão, está tomando:

EXACYL 500mg (Acide tranexomique)

TRABAR 50 (Chlorydrate de Tramadol).

Mando, a seguir, outras 6 imagens do Scanner abdominal.

Cordialmente,

Hippolyte Brice Sogbossi”.

Date: Thu, 20 Oct 2011 15:29:14 -0200

From: sfximenes@uol.com.br

To: bricesogbo@hotmail.com

Subject: Re: FW: Re : Santé M. SOGBOSSI Florentin, collègue à M. ZINSSOU

François

Caro Sr Brice

A tomografia apresenta um tumor renal de 9,0 cm com invasão da veia renal e veia cava inferior. Não há dúvida sobre a necessidade de retirarmos o Rim D. O que precisamos saber é até que altura o tumor sobe pela veia cava. Em alguns casos o tumor pode atingir a veia cava na região do tórax, e as vezes até chegar ao átrio direito do coração. A tomografia que ele realizou não traz esta informação.

Ele precisa realizar uma Ressonância Magnética de abdome e tórax para obtermos esta informação, pois a abordagem cirúrgica é completamente diferente se houver invasão da veia cava dentro do Tórax.

atenciosamente

**Dr. Sérgio Ximenes**

Urologia

Rua Tabapuã, 649-45 - Itaim Bibi

Tel. (011) 30789806/31689607

<http://sergioximenes.site.med.br>

Em 20/10/2011 14:33, **Hippolyte Brice Sogbossi**< bricesogbo@hotmail.com >

A explicação do jovem médico, diz tudo. E foi o que aconteceu meses depois. Houve metástase. Insisto nas palavras do urologista: “Não há dúvida sobre a necessidade de retirarmos o Rim D. O que precisamos saber é até que altura o tumor sobe pela veia cava. Em alguns casos o tumor pode atingir a veia cava na região do tórax, e as vezes até chegar ao átrio direito do coração. A tomografia que ele realizou não traz esta informação. Ele precisa realizar uma Ressonância Magnética de abdome e tórax para obtermos esta informação, pois a abordagem cirúrgica é completamente diferente se houver invasão da veia cava dentro do Tórax”.

Os trâmites para a viagem começaram no Benin e no dia 28 de outubro de 2011 chegou ao Brasil Florentin Samuel Sogbossi.

O doente foi operado por volta do dia 19 de janeiro, e o rim foi retirado, mas após análises complementares, o laudo concluiu que se tratava de uma metástase. O tumor já invadiu o fígado, e atingiu a veia cava na região do tórax. Efetivamente, a ressonância magnética de abdome e tórax confirmou essa hipótese. Já havia, porém, signos precursores da extrema gravidade do problema. Florentin, num relato sentenciava:

“para o meu mal, eu sei que todo mundo sofre, mas eu rezo. Porém, eu não queria fazer disso um problema. Do contrário, tal como acontecem as coisas, eu estou internado com o privilégio de estar entre as duas prioridades (os dois pacientes prioritários) do médico Tigre, o único grande especialista de todo o estado do Rio. Os outros médicos não querem visivelmente tomar a responsabilidade dessa cirurgia e me fazem entender a eficácia de Tigre no assunto, sobretudo a importância que só será conhecida quando for aberto o ventre. O que prejudica, é o seu lugar e seu título que não lhe permitem fixar pacientes. Os dias que ele aparece, o hospital lhe libera automaticamente o bloco operatório. Por exemplo, esta manhã de terça-feira, dia 17 de janeiro, ele deveria estar lá. Porém, ele, em todo momento, adiou cirurgias. Isto dará certo, estamos no fim do túnel e o moral é bom”.

## **SEGUNDA FASE: A VOLTA AO BENIM E A NEGATIVA DE CONTINUAR O TRATAMENTO NO BRASIL (janeiro-julho de 2012)**

Dezembro de 2011: O paciente, após convencer os médicos do Rio sobre uma viagem urgente ao Benin para resolver assuntos pessoais, consegue viajar por volta do dia 17 de dezembro. Volta ao Rio de Janeiro em 12 de janeiro de 2012 aproximadamente. Por volta do dia 19 de janeiro é operado, como eu disse.

Entre final de Janeiro e 5 de julho:

O paciente operado volta ao Benim, no dia 27 de janeiro de 2012.

Em 14 de março, envio uma comunicação ao meu irmão Serge:

“Ontem, muito tarde na noite, liguei para o Giresse quem teve que explicar em detalhes o problema. Confidencialmente, e por favor, não leve a informação a ninguém (...) é que não tem mais nada a fazer. Salvo o próprio organismo dele que pode resistir, porque a diferença está aí, sentenciou ele. O essencial já foi feito porém, disse o cirurgião, mas a Rádio e a Quimioterapia ameaçam com enfraquecer a saúde de Florentin. Não paramos de lamentar quando recebemos cada revelação. Por outro lado, o médico é muito simpático por causa da posição de Giresse: “você é um de nós, afirmava sempre, e é porque eu sou honesto com você, acrescentou”. Desde então, nós não comíamos mais corretamente, nem dormíamos normalmente. E nós não devemos lhe explicar as coisas dessa maneira, do contrário a emoção e a depressão podem precipitar as coisas. Eu aguardo um último laudo de outro médico especialista muito conhecido no Brasil com o Giresse (encontro marcado desde ontem) para que possamos saber sobre alternativas com os tradi-praticantes ou algumas rezas (como insiste Giresse), para que o milagre da cura possa nos ajudar. Eu estarei mais uma vez em Cuba a partir do dia 08 de abril. Irei a um santuário fazer uma promessa à Viagem da Caridade do Cobre em Santiago de Cuba. Na espera das revelações do segundo doutor, Giresse e eu convencionamos em opinar que não há como solicitar a aposentadoria antecipada para meu irmão lá no Benim, mas pelo menos fazê-lo viajar com uma passagem de ida e volta de seis meses, a fim de que se possa experimentar a sua reação ao tratamento. Eu tentarei organizar algumas saídas para relaxar em viagens e passeios, inclusive turísticos, a fim de que ele possa se encontrar bem, emocionalmente...”.

Evidência clara de que o tratamento deveria seguir com a Rádio e a Quimioterapia. A cirurgia foi muito delicada; durou uma três a quatro horas, e havia indícios de que não estava resolvido tudo. O suspense foi vencido ao saber que não havia mais nada a fazer, que o mal teria se propalado e de estendido a outros órgãos como o fígado, e dentro da caixa torácica. O único a ser feito é passear com ele até ele falecer após algumas recaídas. Futuro sombrio...

A religião também é um aliado muitas vezes poderoso na cura de causas impossíveis. A visita ao santuário foi motivada por uma promessa: voltar ao mesmo local e oferecer um presente quando o meu irmão ficar curado da doença que o atormentava. A Virgem da Caridade do Cobre é a padroeira de Cuba, e já foi invocada

em inúmeras ocasiões para resolver problemas ligados à saúde de pessoas adoentadas, mutiladas e sentimentalmente desesperadas.

Em 5 de abril, alerto o meu irmão, já no Benim, de que os médicos brasileiros não parecem colaborar, porque estimam que com a quimioterapia a saúde vai piorar; que a recidiva é irreversível, porque o mal evoluiu muito. E que eles são pessimistas, pois assim não querem fazer mais nada, mas que segundo eu, eles não são Deus, como se costuma dizer. Ainda avisei, na mesma ocasião, que não devíamos perder tempo, porque cada dia que passava nos preocupava si ele não se submetesse a um tratamento corretamente orientado, pois, os médicos disseram que há entre eles alguns que podem tomar o nosso dinheiro, isto é, nos espoliar.

Em 30 de abril, após uma viagem a Cuba, também aviso o meu irmão sobre outra tentativa de analisar os resultados. A resposta dada era pessimista e que ele não sobreviveria: teria no máximo um ano de vida.

Em 15 de maio, nova comunicação de Florentin, ainda com alguma esperança. O processo de evacuação sobre a Tunísia estava ainda sendo analisado. O hospital do país africano sugere que ele viaje para fazer todos os exames de controle antes de se pronunciar.

Fato também importante na mensagem. Diante de uma situação desesperadora, Florentin opta por um tratamento alternativo: um tratamento consistente na lavagem, mediante introdução no ânus, de café moído, que é:

“um tratamento que toma muito tempo (pelo menos 8 horas por dia) e que é custoso. É Serge que, nas suas pesquisas, localizou um homem que o pratica, há dois meses, e a quem nós visitamos. Esse senhor me convenceu a prová-lo, prometendo que eu estaria curado. Ele quis que eu não o diga a um médico, sob pena de que esse me desanime já que na verdade, este tratamento é um entrave ao seu mercado e à venda de medicamentos em farmácia. Resumindo, estou obrando para comprar os materiais. Fora isso, eu devo disponibilizar um banheiro com sanitário e lavabo para mim unicamente. Para isso, eu tive que cavar poços sépticos. Serge me deu uma ajuda que não me permitiu avançar nos trabalhos...”

Aqui, vislumbra-se o fato de que, ainda continua o impasse sobre a cura do câncer a partir da ablação do rim direito. Após os exames, haverá envio dos resultados dos mesmos na Tunísia ao aluno em medicina Giresse, para que este possa fazer um confronto pericial (contra perícia) no Brasil. Outra coisa: a medicina chamada de ocidental quer preservar o seu domínio sobre outras formas de terapias. Uma medicina alternativa é duramente repudiada pelo discurso hegemônico baseado na corrida desenfreada ao lucro no mercado de venda dos produtos farmacêuticos.

Em 06 de junho de 2011, o meu alerta sobre a desconfiança com os tunisinos formulava-se assim:

“Eu me preocupo muito por ti porque eu não sabia se os tunisinos aprovaram a documentação e se eles veem que o tratamento pode ser feito efetivamente, sem nos enganar. Me preocupo também pela continuação do tratamento que deve a todo custo, existir, porque estimo que o mal não evoluiu muito. Eu não sei tampouco se os exames recomendados foram feitos no Benim, ou se você espera que eles sejam feitos na Tunísia. Há de que se preocupar. Continuaremos torcendo por você”.

Segundo revelam informações mais tarde, houve uma espécie de enganação pelos médicos tunisinos quem, sabendo bem que o mal não podia ser curado definitivamente, aceitaram tratar o Florentin. A missão custava ao governo do Benim, uns 13 milhões de francos CFA, uns 20 000 euros (em torno de 23 000 dólares).

### TERCEIRA FASE: A VIAGEM À TUNÍSIA (julho a dezembro de 2012)

05 de Julho: após receber outra correspondência em 17 de julho sobre a chegada a Tunísia, os médicos examinaram, hospitalizaram e recomendaram a quimioterapia, por conta dos resultados, algo inesperado, e suspeito: mandaram o paciente ir embora, isto é, voltar ao Benim para continuar o tratamento por três meses. A minha reação não demorou a chegar: “... É um pouco assustador saber que você já está no Benim. Fará falta ter cuidado com os médicos. Às vezes você tem coisas com charlatões. Eu duvido que o trabalho deles seja sério, após esse episódio, e te aconselho que tenha muito cuidado”. Acrescento ainda:

“A quimioterapia deve ser feita com muita precaução e cuidado. Eu não nego que eles adotem a medida do externato. É o que se faz, inclusive. Mas tal como eles estão a agir, nós não compreendemos mais nada. A ideia é que você esteja lá pelo menos um mês, antes de que te digam que volte ao Benim. A quimioterapia deve ser seguida por eles mesmos, para que possa experimentar o início, já que os remédios devem te enfraquecer, e que eles deverão reorientar o tratamento a partir da reação do teu corpo. Desejamos que a mesma seja favorável”.

15 de julho até outo (dezem)bro: viagens intermitentes: momento de muita discrição sobre as viagens ao exterior. O paciente cortou os laços com os irmãos e não teve mais interesse em discutir com estes, ou enviar mensagens. A confiança foi depositada na família da mulher e na nossa irmã Jeannine Mireille.

Soube que em outubro, o meu irmão quis se comunicar comigo, e que não conseguiu. Os meses de outubro a dezembro, mês do falecimento do Florentin foram de silêncio, porque supostamente, ele achava que falar sobre a evolução do mal e perspectivas de eventual recuperação eram comprometedores, porque quem soubesse de melhoraras por parte dele, poderia continuar atacando-o com feitiço.

#### QUARTA FASE: A VOLTA AO BENIM, O FALECIMENTO E CONSIDERAÇÕES FINAIS (OUTUBRO-DEZEMBRO).

Esta etapa caracteriza-se por ser a do desfecho. Trata-se de pensar em alternativas de cura tradicionais. O objetivo, nesta parte do trabalho é evidenciar que fora as questões de médico na resolução do conflito, há questões relacionadas com os nossos costumes e valores tradicionais, também na resolução dos mesmos conflitos. Também por causa da extensão do trabalho, propositalmente, não abordarei a etapa das cerimônias fúnebres e os demais conflitos que foram registrados após a morte do meu irmão.

O diagnóstico foi dado, mas há algo por trás dos acontecimentos. Em várias sociedades africanas, a morte é um fenômeno misterioso, não é natural, e sempre é provocada por algum membro da família. O primeiro passo nesse drama com provável

desfecho trágico, é a consulta ao oráculo do Ifá. O sistema de Fa entre os fon, passará a ser o mais usado para alertar sobre os motivos, as causas e as consequências da morte do indivíduo. A doença piorou, agora vamos trabalhar com a medicina tradicional. O trabalho não é mais de hospital, de médico, e sim, de curandeiros e adivinhos. Na verdade, a lavagem intestinal com café moído, era uma solução pensada pela vítima já na volta ao país em janeiro de 2012, como foi mencionado.

Em efeito, num testamento assinado em 4 de outubro de 2012 às 20 horas e 10 minutos, e só publicado em janeiro, ou seja, três meses depois, Samuel Florentin, na página 02, declara:

“Todas as cerimônias costumeiras serão simplificadas na medida do possível sob o controle efetivo da família Sogbossi em Abomey-Calavi, e o restante em Abomey. Nesta ordem de ideias, eu contesto que os nomeados: Sogbossi Serge Maurice; Sodokpa Antoinette, Loukpé Prisca; Fofó Léon participem de perto ou de longe, em natureza, ou em espécie à nenhuma fase dos meus obséquios. Certamente, eu suspeito que este grupo de pessoas cujo líder é Sogbossi Serge Maurice, de ser a causa da minha doença e isto foi confirmado pelo pó de cor bege que este último espalhou no meu domicílio no dia 08 de agosto de 2012, sob os olhos e sob conhecimento da nossa irmã Sogbossi Mireille, da minha esposa Boya G. A. Elvyna e de mim mesmo. É uma pena que estejamos em esse nível”.

O testamento foi o divisor definitivo de águas nessa tragédia. Refletiu de maneira ainda confusa a tensão no seio da família do defunto. Este avisa sobre a simplicidade das cerimônias funerárias a serem realizadas, mas ressalta o fato de que os “autores” principais da tragédia estão proibidos de participar das cerimônias. Como bem frisou Evans-Pritchard (1978), a crença na bruxaria é parte central de um sistema de valores organizado, coerente e com capacidade de regular a conduta humana. Compreendendo a crença na bruxaria como um sistema de ideias, o autor refuta as concepções de que a bruxaria seria uma “crença repugnante” (Pritchard, *apud*. Lacerda, 2017: 371). A bruxaria pode salvar como pode prejudicar, segundo a posição que cada um ocupa na correlação de forças numa balança, isto é, do lado em que você se situa, o que faz pensar na sua ambiguidade.

Em 13 de outubro, se dando conta da extrema gravidade e iminente morte do nosso irmão, Serge escreverá:

“Entendi, finalmente por que eu fui despedido da casa do meu irmão mais velho Florentin e por quê ele é escondido de mim. Certamente, sou eu o assassino, o bruxo, e o maior malfeitor que, com a bruxaria e por maldade, queria eliminar o meu irmão Tintin; eu teria, de propósito, colocado um amuleto nas mãos de Mamãe para a fazer vingar contra o meu irmão mais velho e isso, com a cumplicidade de Tanti Antoinette quem teria me inciado à bruxaria, ela mesma e sua própria filha Pipi sendo bruxas. Fofu Tintin teria visto [em sonho] a nossa mãe e o nosso pai, assim como todos os mortos da nossa família, nos seus vários sonhos e as consultas teriam revelado que eu sou o instigador, com a finalidade de eliminá-lo... Etc, etc...

Eliminar com a bruxaria quer dizer, provocar a morte a partir de práticas mágicas eficazes que cobram as mais diversas manifestações, as mais diversas dimensões. O bruxo é, então, temido e muito perigoso.

Um desfecho desagradável, imprevisível, e fatal. Serge

“Tudo começou alguns meses antes do falecimento de mamãe. Fofu Tintin veio me ver para pedir a minha ajuda, dizendo que o seu sogro tinha ido a uma consulta na casa de um adivinho que disse que ele mesmo Florentin estava em perigo. Ele me pediu que o ajudasse, porque ele não poderia confiar nos sogros. Eu tomei nota do fato e lhe propus o que eu faria nesse sentido. Eu propus que ele consultasse pessoalmente o Douho em Abomey. Em seguida, ir a Lissazoumè para se proteger, uma vez recebidos os resultados de Douho. Alguns dias depois, ele voltou, e me disse que já tinha feito as coisas conforme indicado por mim.

“Foi na hora de fazer as várias consultas que chegamos em casa do Bokonon (babalawo) Douho em Abomey, e temendo que este último fale, Fofu Tintin falou rapidamente no meu ouvido que quando eu lhe sugeri anteriormente uma consulta com o senhor, este tinha lhe dito que a nossa mãe ia morrer si nós não lhe fizéssemos a cerimônia do Kudyo (‘a troca de cabeça’), e que isso era

urgente, mas que ele tinha esquecido de me informar. Eu fiquei surpreso, mas eu me controlei emocionalmente. Eu suspendi a consulta que planejamos no cidade da mãe da Lea, onde nós deveríamos chamar a alma da defunta para fazer perguntas a essa. Porque eu não queria a desunião na família”.

Uma omissão grave feita pelo irmão mais velho foi não ter informado sobre todo o conteúdo da conversa com o Ifá, mediante as ponderações do sacerdote do sistema divinatório. Uma intervenção necessária do dito sacerdote para o bem de todos, e, sobretudo dos dois envolvidos na tragédia! Esquecer a informação sobre o risco da mãe morrer e o procedimento necessário para salvá-la a través do ritual da troca de cabeça, é a pior coisa que um filho possa fazer. Isso pode traduzir o medo do próprio irmão mais velho de ser uma potencial vítima da dita troca, ou seja, em vez de mamãe morrer, poderia ser ele. Diante dessa situação, cabe a possibilidade de imaginar que ele prefere que a mãe seja um bode expiatório. No relato do irmão Serge, podemos corroborar essa hipótese: “Nós estávamos tranquilos e de repente surgiu a morte de mamãe. Eu estava surpreso quando a informação foi anunciada, e quando o meu irmão me diz: ‘É uma situação melhor do que se algum de nós morria’. Eu reagi logo: ‘é de todo modo grave, porque a mãe dela [a nossa avó, *grifo meu*] ainda está viva””. Há um conflito que se desenha nesse confronto, conflito ainda não resolvido até hoje. Até posso afirmar que há vários tipos de conflitos latentes. Seria realmente um duplo castigo o fato de a gente perder, no espaço de 16 meses dois entes queridos, de forma fatal? Haveria uma morte preferencial, resultado da ocultação da informação que, apesar de ser perigosa, ajudaria ambos a se salvar; primeiro a mãe; e depois o filho? Haveria vingança por parte da nossa mãe, depois falecida, de virar contra o nosso irmão omissor, e levá-lo à morte? Um dos mecanismos para esclarecer dúvidas é interrogar a pessoa falecida, a partir de uma cerimônia especial.

Digno de nota mencionar aqui a questão da relação entre morte e linguagem (Thomas, 1980:401-402). O autor alega que o verbo é força de vida e força de morte, e que nas sociedades chamadas de negro-africanas, às vezes, de civilizações da oralidade, o verbo é uma força e não pode faltar de participar da concepção da morte. E que se entende, certamente que se a palavra é suficientemente forte, ela esconde o terrível poder de matar (Thomas, op. Cit, p 403). Na última parte do depoimento do Serge, verifica-se claramente que a verdade sai da intercomunicação com a pessoa falecida, que poderá dizer tudo sobre quem a matou, e sob que circunstâncias. Já se fala em

“diálogo com o morto” (Thomas, op. Cit., p. 400). Há uma espécie de desobediência moral, o fato de Florentin ter calado tão importante informação sobre o dever de realizar as cerimônias necessárias para a troca de cabeça. E mais uma culpa irreparável, resultado de uma negligência que pode levar à fatalidade. Aliás, um confronto com o morto ajuda a sentir com mais emoção o ente querido mais de perto. O sistema de adivinhação foi o primeiro recurso na busca do autor do infortúnio. Outro passo importante nessa espécie de debate democrático é o interrogatório do cadáver, “a fim de saber qual malefício ocasionou o fenecimento, qual foi a falta secreta que ele cometeu. Fazendo perguntas a ele, os sobreviventes chegam a dois fins de vez. Eles tiram as máscaras do bruxo cuja atividade homicida é uma ameaça perpétua para o grupo social e, ao mesmo tempo, mostram ao novo morto que não esquecem o direito de vingá-lo por eles” (Thomas, idem, p. 400).

Voltando ao caso do comportamento estranho de Florentin com relação a uma espécie de alívio pela morte da nossa mãe, Serge continua reforçando a hipótese de que a fatalidade perseguia o irmão mais velho, doente de câncer no rim.

“No dia do levantamento do corpo na morgue de Goho, eu estava no pátio com Fofo Tintin quando o senhor Leão veio nos informar que ele havia colocado um amuleto na mão de mamãe, e que quem for a causa da morte dessa, sofreria as consequências, já que todos nós suspeitávamos o irmão consanguíneo da nossa mãe chamado Roberto. Imediatamente, o nosso irmão Florentin me colocou de lado para protestar sobre o fato de que aquele homem não havia recebido a nossa autorização para cometer tal ato. Ele queria, como é de costume, me incitar a reagir, mas como eu o conheço, respondi que eu não via nenhum inconveniente, já que era o mesmo senhor Leão quem fez o mesmo gesto por ocasião do falecimento do nosso pai. O único que sabia de tal atitude na família era o nosso irmão mais novo Ghislain, informado pela prima Prisca no cemitério. Como conhecíamos o suposto inimigo, não havia problema. Eu não sabia do que se tratava. Só os mortos deveriam perseguir os responsáveis. Foi, então, após as cerimônias de enterro, que a doença de Florentin se manifestou, brotou. Eu era o primeiro que ele informou e eu suspendi no ato a reunião que eu tinha para ir vê-lo e levá-lo automaticamente ao consultório do meu urologista.”

Há mais uma intervenção pelo Sr Leon no sentido de fazer justiça a quem teria matado a senhora Albertine Sodokpa, mãe dos irmãos Sogbossi. O que cria um

suspense. A suspeita, após a suposta intervenção de Florentin para reprovar essa atitude, não se reduz mais ao irmão consanguíneo da falecida, mas, sim ao seu próprio filho.

Em 13 de dezembro de 2012, Florentin Samuel Sogbossi veio a falecer, de madrugada, após uma longa enfermidade. É o que se lê no folder de condolências (En mémoire...: 2013).

Há de se aprofundar mais nessa indagação que inclui outros atores que não cabe aqui mencionar, devido à quantidade de página que o artigo deve cobrir.

Paro a minha etnografia aqui, e espero que, em breve, continuarei a relatar e analisar o episódio da morte trágica de Florentin, morte provavelmente ligada a conflitos de diversos tipos, ainda não resolvidos até o presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOUKONOU, B “Contribución a una problemática antropológica y religiosa de la muerte en el pensamiento Adja-fon: estudio histórico-estructural de ritos y de mitos (introducción a la lectura de un Corpus de textos de cantos funerarios)” *La muerte en la vida africana*; Paris, Serbal, UNESCO, 1984, pp. 119-330.

DOUGLAS, Mary (Ed.). *Witchcraft confessions and accusations*. London: Tavistock Publication, 1970

EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Witchcraft, oracles and magic among the Azande*. Oxford: Clarendon Press, 1968 [1937]

GLUCKMAN, Max. “The logic of witchcraft”. In: GLUCKMAN, Max. *Custom and conflict in Africa*. Oxford: Basil Blackwell, 1970. p. 81-108;

LACERDA, Paula M. “Lei, violência e acusações de “magia Negra” em crimes contra crianças. *MANA* 23(2): 371-400, 2017, Rio de Janeiro, PPGAS, MN,

SOGBOSSI, Florentin Samuel *Testament*. Estudo de Me Rufine Nassirou Hunkanrin Abomey-Calavi, Benim, 14 de janeiro de 2013.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ : *En mémoire de Notre cher et regretté Sogbossi Florentin Samuel*. Abomey Calavi?, 2013, 8 p (Folder inédito).

THOMAS, Louis-Vincent *Anthropologie de la mort* Paris, Payot, 1980, 538 p.

ZIÉGLER, Jean *Os vivos e a morte* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1977.

Correspondências via e-mail.

Sogbossi, Florentin Samuel

Sogbossi, Serge Maurice

Sogbossi, Ghislain Patrick.